

O objeto e a psicanálise

Célio Garcia

Num passeio em torno da imagem do objeto e de seus múltiplos sentidos, na Filosofia e nas ciências, encontramos a "coisa" freudiana e... os 'objetos comestíveis não-identificados'.

Estavam os objetos diante de nós e com eles nos relacionávamos. Essa situação paradisíaca possivelmente não existiu. Já a Filosofia hesita em dizer como se dá a nós o objeto: seja sob a forma de um modelo a priori, havendo a partir daí manifestações várias do objeto originário; ou então, haveria uma sensibilidade própria ao espírito, uma espiritualidade enriquecida pelo sensível, graças a que a intencionalidade e o sentido de cada objeto se dão a nós. Para este segundo caso, uma certa sensibilidade é oferecida à idealidade, a qual por sua vez se vê reduzida ao objeto

de experiência. Para não ficar por muito tempo obrigado a um discurso abstrato, vou tomar um exemplo concreto.

Quando chegaram os missionários na África, os objetos eram adorados, constataram os missionários: objetos de pedra, objetos de madeira eram reverenciados nos mais diversificados cultos. Considerados assim sob uma luz especial, a eles era atribuído um poder além do que podia alcançar ou pretender o próprio homem: fetiche, foi o nome que os brancos

Célio Garcia é psicanalista

deram para esta situação. (Marc Augé, "Le fétiche et son objet").

Mas as coisas não eram tão simples. De fato, o objeto-deus Legba no país Benin, para tomar o exemplo de Marc Augé, tem vários referentes; o objeto Legba é constituído por um grande número de objetos. Finalmente, disseram os antropólogos, "o fetiche africano é um objeto social total". Essa totalidade se exprime pela acumulação das substâncias que o compõem, a multiplicação de suas localizações, e existência simultânea como indivíduo e como classe

Os objetos se apresentam na forma superlativa: têm um caráter sobrenatural.

de indivíduos. O objeto/símbolo/fetiche afirma a necessidade de uma fronteira ao mesmo tempo que nega a realidade desta fronteira, reafirma a fronteira multiplicando as proibições, sugere finalmente a possibilidade ou mesmo a necessidade de uma ultrapassagem. O fetiche seria uma senha mística para que se possa passar de si mesmo para si, de si para o outro.

Nós, na clínica, tivemos a mesma dificuldade na abordagem do objeto. O objeto era muito mais complicado do que haviam imaginado os missionários. Que fazer?

Os fenômenos estavam aí, trazidos pelos nossos pacientes, que relatavam relações familiares conflitivas. Pensamos: temos que en-

tender o que se passa! Temos que dar conta do que acontece em termos de experiência e como ela se dá aos que nos procuram. O modo como é dada a experiência corresponde à intenção que move cada um. Será que o objeto da disputa é real ou ideal? Pai e mãe são bem reais, cada um tem o seu, mas e o objeto da experiência? Estávamos às voltas com essas questões, quando o mundo em volta de nós começou a dar voltas e mais voltas.

Para tomar um exemplo (poderia tomar outros), vou falar do objeto alimento nos dias de hoje. O alimento não é um objeto como os outros: entre natureza e cultura, os referidos objetos comestíveis encontrados nas prateleiras dos super-mercados são para nós consumidores, na verdade, não-identificáveis. Donde a denominação "objetos comestíveis não-identificáveis". Talvez por isso mesmo, tornou-se obrigatório o registro da composição do objeto em cada lata; em cada

embalagem encontra a dona de casa a lista dos ingredientes. Engana-se ela se tomar esta lista como uma receita. Não se trata de uma receita. Aqui já não valem o odor, nem a textura, nem a consistência, características decisivas para uma cozinheira no trato com os objetos. Trata-se de uma decomposição, última tentativa de identificar o objeto comestível. Trata-se de uma referência numérica. No máximo, o que consegue a mamãe extremosa seria dar ao baby o equivalente a um bife, quando ela traz do super-mercado um "queijinho Danoninho"! O bife mesmo estaria definitivamente perdido.

Vejam que a mesma situação encontramos em se tratando de

aparelhos de som eletro-eletrônicos. A conjugação entre gravação, audição, fitas, discos, em suas diferentes modalidades, cria a cada dia novos objetos. A embalagem por fora, devidamente valorizada pelo marketing, dá um brilho que o próprio objeto perdera. Tudo aparentemente voltou ao normal. As pessoas, movidas por necessidades, se dirigem ao super-mercado para adquirir os objetos de que necessitam. O F-330A pode ser seu próximo gramofone, ou seja, aparelho que reproduz música anteriormente gravada. Seriam desumanizados os objetos, agora identificados graças ao código alfa-numérico que os representa?

Os artistas plásticos já tinham feito verdadeira revolução ao descobrirem o não-figurativismo, ao se permitirem deformar as figuras; uma série de experiências tentou dizer em que resultava essa desfiguração do objeto. Ao final, atualmente, voltaram a nos apresentar o que eles chamam "objetos". Agora sim, dizem eles, "objetos desumanizados", ou seja, liberados de humanização, tal como são os objetos. Afinal os objetos em todo mundo se apresentam na forma superlativa, o objeto tem caráter sobrenatural (já o sabiam os africanos). Há no objeto perfeição e ausência de origem, um brilho e um caráter fechado, transformação da vida em matéria, um silêncio que pertence à ordem do maravilhoso.

Os gregos por pouco não acertaram. No capítulo sobre a amizade, a "filia", Aristóteles vai nos dizer que sem reciprocidade não há estatuto a ser atribuído ao objeto. Aos objetos de onde não vinha a reciprocidade, dizia-se não existirem; eram ditos "sem alma", *a-psycheôs*. Faltava aos gregos a idéia traduzida no nosso coloquial pela expressão "estou louco por...". Pode ser um vestido, um livro, um par de sapatos, um objeto qualquer, os quais são

literalmente por nós investidos. Para fazer justiça, devo lembrar Husserl, que abriu uma categoria que comporta os "objetos investidos do espírito", os quais possuem uma "carne sensível que não seria uma carne existente, uma carne nem real nem imaginária". Mas vamos ficar com os artistas plásticos, pois eles não se enganam. (Como me dizia uma amiga recentemente). Os objetos dos artistas plásticos não carecem de reciprocidade para existirem; eles nos admiram, como sabemos, desde muito tempo, antes mesmo de nos darmos conta da existência deles.

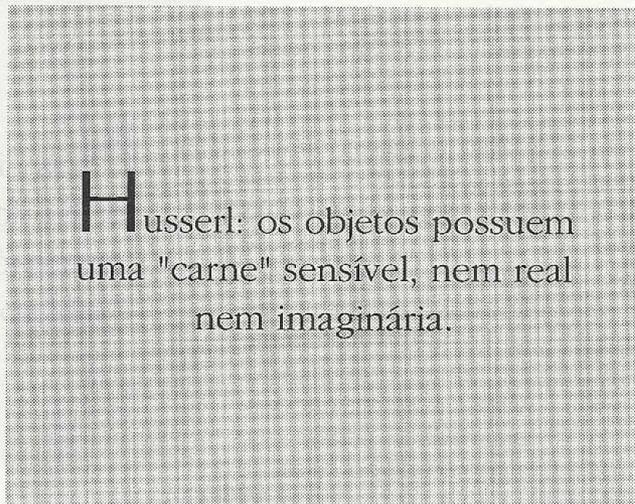
Falando em embalagem e investimento, voltando aos objetos comestíveis, a atual apresentação dos objetos comestíveis não-identificados trata os referidos objetos graças à sofisticadas técnicas ditas de conservação. Mas conservação de que? Conservação do que está morto, e não do que está vivo. O frio se encarrega de assegurar que nada mais reste da vida. O objeto seria assim imortalizado, praticamente.

Na mesma linha de pensamento, encontramos os OVNI (objetos voadores não-identificados). Todos nós temos ciência do que sejam os OVNI, só os cientistas aparentemente não têm. Na revista "Ciel et espace" o articulista, versado no assunto, declara que se um cientista de prestígio ousar dar declarações sobre a existência de OVNI, ele põe em risco sua reputação. Quanto ao OVNI, acrescenta, um relatório favorável sugere adesão à coisa e estará, para ser aceito, sempre na dependência de três condições: 1. fenômeno observado, 2. personalidade da testemunha, 3. circunstâncias da observação. Curiosamente seriam as mesmas condições atendidas por parte de um psicanalista quando

escuta o relato do seu paciente. Na verdade, eles, os cientistas, não se privam de dar declarações, porém preferem na ocasião o anonimato. Assim a comunidade de cientistas está tranqüila.

Das Ding

O assim chamado "Projeto" era destinado por Freud a apresentar a Psicologia científica aos neurólogos. Vamos assim chamar os especialistas em estudos que diziam respeito às doenças nervosas. Não são exatamente nossos



Husserl: os objetos possuem uma "carne" sensível, nem real nem imaginária.

neurologistas, nem nossos atuais psiquiatras; seriam os estudiosos do sistema nervoso como um todo, atentos a uma abordagem materialista, porém capazes de aceitar hipóteses de natureza estrutural. Dar ênfase à estrutura nos põe em condições de reconhecer objetos além de uma certa empiria. Dessa época data a idéia de uma máquina que fala, quando Freud se debruçou sobre problemas ligados à afasia. Máquina que fala é um resultado de uma abordagem estrutural.

Assim, podemos dizer que eles estudavam o que Freud chamaria "a Coisa", *Das Ding*, numa tentativa de marcar o que havia de especial quando se tratasse de in-

dicar as coisas, os objetos; ainda que a palavra "das Ding" na língua coloquial não apresente inconvenientes ou compromissos outros do tipo espiritualista, abstrato, ou proveniente de caráter obsoleto que teria revestido essa palavra.

Das Ding, também a partir da Filosofia (Kant), assume significado de "Coisa em si", a ser situada no nível que a Filosofia chama transcendental, ou seja, incondicional, independente de condições a que estariam submetidos nossos julgamentos. A ênfase na estrutura e o caráter transcendental (termo de Kant, a quem Freud citou no texto sobre o Inconsciente, dizendo que o Inconsciente correspondia à Coisa em Si kantiana) preparavam o terreno para o uso do termo *das Ding* em Psicanálise: "das Ding" nos remete ao conceito freudiano de "experiência de satisfação", experiência originária. Freud dirá que o "símbolo veio a substituir *das Ding*", criando situação inusitada, ao mencionar o desejo da histérica. Freud usa igualmente o termo, figura da Retórica, "proton pseudos", isto é, uma segunda coisa no lugar de uma primeira, originária.

Das Ding estaria assim, para além da relação diádica "desejo articulado a um objeto desejado". Dar um conteúdo a esta Coisa já seria confundi-la com o objeto desejado. A tradição kleiniana correu esse risco ao dar um sentido a essa Coisa perdida, ao mencionar o corpo da Mãe como a chave do mistério. Mas podemos entender o corpo da Mãe como *das Ding*, considerando que Melanie Klein tentou, ela também, dar conta do caráter originário a que se referia Freud.

Acima da faculdade de desejar que faz do objeto sensível um objeto desejado, há *das Ding*. O

desejo não sendo originário, origem e fonte de todas as coisas, tem como suporte *das Ding*, ele é o que vem depois de *das Ding*; *das Ding* é a condição para que o desejo exista. Porém se ele, o desejo, se porta bem ou mal, não procurem *das Ding*, não é por aí. O objeto não sendo redutível ao objeto desejado, o objeto só nos é apresentado no fantasma; trata-se do fantasma, não da experiência. Conclusão: *das Ding* é a... priori.

Objeto e sujeito em mutação

A Psicanálise foi partícipe e testemunha dessa extraordinária aventura contemporânea onde sujeito e objeto foram submetidos a um processo de destituição. Não ficamos aderidos à idéia de um "ob-jeto", ou seja, o que jaz, o que está aí diante de nós. (Em alemão, apesar de a palavra não ter raiz latina, tem a mesma formação, *Gegen-stand*, ou seja, o que se posta aí diante de nós). Estamos longe daquela hesitação a que me referi no primeiro parágrafo; agora a Filosofia parece não bastar. Já não há lugar para Física Natural (assim era o título da obra de Newton) como pensavam os físicos do século XVII, e os filósofos de sempre, sequiosos de um sistema geral de explicação.

Poderíamos nos referir a outras disciplinas e detectar momentos equivalentes da mesma aventura. Em Matemática, a teoria de categorias dispensa amplamente os compromissos assumidos por uma teoria dos conjuntos ainda zelosa do estatuto dos objetos do conjunto. A operação dita "pertencer" dá conta desse zelo e conseqüente estatuto. A Física igualmente, nas suas variadas teorias sobre a partícula, traz uma contribuição para a documentação que nos interessa. Bernard d'Espagnat vai usar o termo "real velado" para dar título ao seu livro, onde se fala

da matéria. Michel Paty nos fala de uma matéria "dérobée" para assinalar a tarefa do pensamento conceitual, quando este transporta o objeto de estudo da Física para seu próprio espaço simbólico. A "ciência dos materiais", por seu lado, deixou de se ocupar de materiais encontrados na natureza (ferro, zinco, outros metais); o engenheiro cria seu material para cada objetivo. Este material terá a resistência exigida, a consistência esperada, e assim nasce um novo material com sua referência numérica.

Uma eventual forma do objeto em nada nos assegura sobre o estatuto de verdade, o qual não será para nós motivo de recuperação. Somos então convidados a dar um passo a mais: cientes dessa transição, em vez de insistirmos em velhas querelas resultantes de antigos debates, somos levados a pensar um estatuto que reverta o rumo em situações insolúveis. Vamos portanto dar continuidade e pensar que algo sucede ao sujeito e ao objeto em questão. O sujeito deixa de ser o ponto inaugural dos enunciados legítimos; nem ele é tampouco aquilo pelo qual há verdade. Assim dispensa-se o objeto enquanto objetivo. Pensar o sujeito longe de toda garantia que lhe é trazida pela noção de objeto exige reformular a teoria da verdade.

Resumo: o objeto foi inicialmente apreendido graças à sua imagem (fetiche africano para os missionários e antropólogos brancos); em seguida, acentuou-se uma imagem do outro constitutiva do ego por identificação. (A Fenomenologia certamente pensou assim). E a relação ao objeto fica fundada numa relação imaginária em se tratando da díade em questão. (O objeto ainda está lá: ob-jeto!)

A noção de objeto parcial atinge frontalmente a identidade do objeto, e assim foi possível pensar uma outra identificação ao objeto: agora, o objeto não-idêntico a si mesmo, não-totalizado, permite um questionamento quanto ao âmago da questão. (Os não-figurativistas poderão ser lembrados como testemunhos desse movimento).

Assim mesmo, o objeto pôde ser dito causa do desejo. (O marketing, apressado, pensou poder se apossar da idéia). Mas que tipo de causa? A Coisa, já nomeada por

Nas ciências, a matéria, tornando-se "real velado", aproximou-se da noção de objeto na Psicanálise.

Freud, reduz, pela linguagem, a causa ao nada.

Finalmente, objeto vem a ser a causa da divisão do sujeito, deixando aparecer a perda do objeto. A causação do sujeito se faz graças a essa parte do real, desse objeto-parte perdido, resto não apreendido pela linguagem, sem nenhuma garantia de reciprocidade. (Veja-se Aristóteles e a "filia")

Algo está, porém, escondido e revelado ao mesmo tempo nas prateleiras do super-mercado: a relação entre o novo objeto e a verdade, a real necessidade, ou a satisfação. O código de defesa do consumidor seria um espaço a ser disputado dignamente por psicanalistas interessados em diagnosticar a situação.